

Descaso com o patrimônio

OSVALDO FLAVIO DEGRAZIA

A catástrofe ocasionada pelos temporais que vergastaram o Rio de Janeiro no início do ano, fez-me refletir sobre a situação do Brasil e, especialmente, sobre a de Brasília.

O que ocorreu no Rio, inegavelmente é resultado da improvisação, da tolerância que têm, como cadinho, a incompetência. Esta aliada com o desamor ao trabalho geram um produto da pior qualidade, que é permissividade. Deste ponto pode-se partir para uma imensidade de ramificações que frutificam em forma de miséria, extrema pobreza, impunidade, arbítrio, suborno e inúmeras outras formas de aviltamento.

O decantado jeitinho brasileiro ou aquele "vou ver se quebro o teu galho", sempre me parecem expedientes usados para burlar a lei sem que as partes envolvidas sofressem grandes danos. Mas no final há sempre uma lesão, talvez irreparável. Tal forma de pensar e proceder deu azo a que se formasse, lentamente, uma atitude de irresponsabilidade e de imprevisibilidade do indivíduo, da sociedade e do governo. Tal atitude, tem como expressão frases e ditos tais como: "tem que dar certo", "desta vez vamos", "o Brasil é maior que o abismo" e o famoso "Deus é brasileiro". Sim, de fato, Deus é brasileiro, mas parece favorecer mais aos países organizados e progressistas.

Pois bem, de jeitinho em jeitinho, de tolerância em tolerância, de incompetência em incompetência e de improvisação em improvisação, foram surgindo primeiro as vilas, depois as favelas, o arbítrio, a incúria, as grandes fortunas. Tudo convivendo em uma aparente harmonia e serenidade, como aquelas que são vistas nos contornos das montanhas que escondem um vulcão.

Assim, nesta aparente calma, as classes privilegiadas assistem à favelização nacional protegidas em seus bairros aparentemente seguros e inexpugnáveis, mas sentindo, bem no fundo do coração, que a tragédia que atinge as demais classes pode chegar até ela como respingos violentos de uma onda gigantesca.

O assassinato de um filho, o sequestro, os assaltos são respingos da onda que afoga grande parte da sociedade brasileira.

Quem garante que ao lado da casa construída com sacrifício, no terreno baldio, no canto da rua, na beira da calçada, não vai se instalar uma invasão, uma feira livre, um grupo de camelôs, tudo de uma hora para outra e

sob os olhos complacentes e democráticos de governos incompetentes, fracos e matreiros?

Como pode funcionar bem um Poder Judiciário quando seus membros são lançados à execração pública pelo fato de perceberem uma remuneração não tão condigna com a alta e difícil missão de julgar? Despudorosamente chamam-lhes de marajás, quando, na dura realidade percebem vencimentos correspondentes àqueles percebidos por um motorista de táxi nos Estados Unidos, ou por dois empregados não categorizados, ou ainda por três empregadas domésticas, na Itália. E só ler-se os anúncios de jornais italianos para se comprovar tal assertiva.

Nossos marajás são tão mal pagos quantos nossos operários, guardada a correspondência entre um país desenvolvido e um pobre.

Por que tanta celeuma sobre tal assunto? O que ela visa enobrir e o que projetar? Ora, é nítido o fim. E lançar as classes miseráveis e pobres contra aqueles que pretensamente detêm certo poder e uma certa qualificação profissional e salarial.

Joga-se, demagógica e perigosamente, com a frustração quando na verdade se deveria despertar a consciência da pobreza e da miséria e procurar-se elevar o padrão de vida do povo.

Este é o esbatido retrato global de um país perdido de seu destino, sem liderança, sem portavoza, sem um símbolo vivo, que como a bandeira e o hino, possa representar a esperança e a moderação. Alguém em que se possa confiar.

E o que se diz de Brasília?

De suas invasões previstas, consentidas, toleradas. De suas ruas sujas e jardins abandonados e maltratados?

E incrível, mas é verdade. Na invasão da L2 Sul contel cerca de 19 cavalos pastando próximo à pista e por inúmeras vezes presenciei cenas surrealistas de cavalos galopando em plena pista de rolamento, às vezes tangidos por um destro cavaleiro mirim. Os cavalos galopando à noite me evocaram a cena do cavalo correndo na noite chilena, no notável filme de Costa Gravas, intitulado "O Desaparecido". Mas ali era a liberdade que ninguém pode apri-sionar e aqui é a pobreza e a miséria que aprisionam e matam.

Brasília, Patrimônio Cultural do mundo. Resto de árvores e gramas empilhadas sobre as calçadas, por dias e dias até a incineração. Cinzas e detritos espalhados por toda a área.

Certa feita, em frente ao bloco residencial do Supremo Tribunal Federal, na 313 Sul, uma tampa

de esgoto pluvial quebrou. Em pleno centro da calçada, abriu-se um profundo buraco. Esperei que os moradores da zona, gente culta, tomassem imediatas providências. Não tomaram. Dias e dias esperei, com preocupação, porque a profundidade do buraco colocava em grave risco de acidente cegos, crianças, velhos e adultos.

Iniciei uma maratona de telefonemas. Interpelações e até ameaças de responsabilizar criminalmente quem respondesse pelo serviço. Sou avesso a tais formas de pressão. Por fim, a tampa foi colocada.

Neste exato momento em que escrevo, processa-se, ante as barbas da autoridade, a invasão, por gente abonada, das encostas que margeiam a Estrada-Parque Paranoá. A autoridade não enxerga e ninguém é responsável pela destruição do cerrado, das árvores e pela poluição dos córregos que alimentam o Lago.

E o que se vê agora na cidade? Em cada entrada de quadra se instala uma lanchonete motorizada. Mesas, cadeiras. A área é pública. Quem controla a qualidade dos alimentos ali servidos? Pagam-se impostos para isso? E as feiras livres que se assentam em qualquer lugar com produtos caros, muitas vezes mais caros que as fruteiras regularmente instaladas? Os camelôs que vão tomando conta dos espaços livres, destinados à passagem dos pedestres? Quem fiscaliza? Quem cuida do Patrimônio Cultural do mundo?

Indagações que ficam no ar, como reverberações em dias de sol quente.

Não vim neste espaço de jornal que, a lo largo, é um espaço público, apenas para criticar e apontar falhas e omissões, porque como observador, constato que a iniciativa do tombamento de Brasília pelo ex-governador José Aparecido é digna de grande louvor, como também o são as medidas de segurança adotadas na área policial. Mas neste posto de observação, que deve ser assumido por todos nós, é necessário perseverar perseverar e vigiar e acima de tudo trabalhar pelo bem da sociedade, e não cair na tentação do jeitinho brasileiro que traduz, nada mais nada menos do que a incompetência aliada à terrível indiferença e ao desamor pelo nosso próximo.

Osvaldo Flávio Degrazia é advogado residente em Brasília desde 1961.

Osvaldo Flávio Degrazia
é advogado residente em
Brasília desde 1961.